

Boletim O Gabelense

ano IX – nº 19 /junho 2006

a minha pátria é a
língua portuguesa

está na hora

até onde deve ir a
liberdade?

equivocos políticos...

1.º semestre de 2006

SOLIDARIEDADE

Da Direcção da Associação.

Não se pense em solidariedade, ignorando ou desassociando-se de outros sentimentos, que lhes estão ligados amor, afectividade, carinho para entender as “desgraças” que acontecem para os quais o nosso “espírito de solidariedade” nos alerta, sensibiliza, criando uma onda generalizada, que se transforma numa corrente íntima de força, que aumenta quando a iniciativa é voluntária, sincera, sem intenções, o que nem sempre, hoje, acontece ...

V e m a propósito abordar o assunto para enaltecer a iniciativa e espírito de solidariedade que se desenvolveu e

ainda ocorre, voluntariamente e que tem acompanhado o infortúnio que se abateu na *FAMÍLIA DO ÓSCAR* que, através de um site da internet - *vamos apoiar o Óscar* - foram imensas as mensagens de apoio, direi de solidariedade, pelo sofrimento da filha, a Tânia, internada no hospital, após um acidente rodoviário.

Não surpreendeu, antes valoriza todos os que se empenharam em confortar o Oscar e Família, com quem nos solidarizamos, dando ânimo a toda a Família, que sabemos em grande sofrimento.

Força Tânia, estamos contigo e desejamos que recuperes, para nossa alegria e profunda satisfação dos teus Pais e toda a Família e dos “milhões de amigos”, que estão contigo e muito te estimam.

A vida é “para a frente” e tu Tânia, tens muito carinho e simpatia para nos dar.

Este é o apoio que damos ao Oscar e Família, com o desejo das melhoras da Tânia.

Os Gabelenses.

índice

editorial	pág. 2
programa para o encontro dos gabelenses 2006	pág. 3
mensagem do leitor	pág. 3
ai ué angola...	pág. 4
aos amigos	pág. 5
a minha pátria é a língua portuguesa	pág. 5
vanda carvalho - biografia	pág. 7
o meu reconhecimento...	pág. 8
está na hora	pág. 12
até onde deve ir a liberdade?	pág. 13
a razão e o tempo	pág. 14
equivocos políticos...	pág. 16
fotos angola - riquezas...	pág. 18
fotos angola - destruição...	pág. 19

ficha técnica

propriedade

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 – 7.º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses c/ a supervisão de Acácio Oliveira

composição gráfica

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

impressão

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

programa para o encontro dos gabelenses 2006

LOCAL Parque das Merendas de Mogofores

A Direcção mais uma vez faz um apelo aos GABELENSES e amigos em geral, solicitando a vossa presença no último Domingo de Junho dia 25.

Mais informa aos farristas interessados que na noite de 24 sábado haverá um programa extra "Jantar convívio com música da nossa terra", até ao amanhecer no salão do Clube de Ancas ARA Associação Recreativa de Ancas, perto de Mogofores, abrilhantado pela Banda Afro-Latina SABURA CV e animação dos elementos dos ex-conjuntos Gabelenses.

No Parque dia 25 haverá um porco no espeto e vinho da região, oferecido pela Associação aos seus associados para que não haja saídas do parque, a fim de procurarem restaurantes para almoçarem.

PROGRAMA:

9h00 - Concentração no local do encontro



PORCO ASSADO NO ESPETO

**Actualização e inscrição de sócios
Pagamento de quotas e distribuição de senhas para o porco no espeto**

11h00 - Alocução de boas vindas e momento solene

12h30 - Abertura dos farnéis (Almoço)

Música ambiente

15h00 - Concentração

Convívio, Animação, Confraternizações, Diversão

Música de dança com a actuação da Banda SABURA CV Banda de música afro-latina e ex-conjunto Gabelense.

INFORMAÇÃO:

Aos interessados para o jantar e Baile do dia 24, deverão contactar até ao dia 15 de Junho com o ÓSCAR OLIVEIRA Rua Américo Matos, Lote 11- 3780-219 ANADIA ou para o telemóvel 919927216 e á noite para o telefone 231503421, a fim de confirmarem a sua presença e a dos seus convidados. Caso pretenda dormidas em hotéis ou pensões na

região (Anadia ou Cúria) fale também com o ÓSCAR.

PREÇOS: Jantar mais baile...25 Euros
Dormida mais pequeno-almoço no Hotel Cabecinho em Anadia 1 PAX 45 Euros ou 2 PAX 57 Euros.

A DIRECÇÃO



Baile de Carnaval



CARNAVAL 2006

mensagem do leitor

Faça desta rubrica a sua comunicação aos gabelenses!

Armando José Campos telefone 279468018-Alfândega da Fé

Comunica que não estará presente no próximo encontro, dia 25/06/006 por o seu estado de saúde, falta de visão, não o permitir.

Envia a todos um abraço e pede que o contactem.

ai ué angola...



são marques

“Se tivesse menos vinte anos garanto-te que regressaria a Angola”...disse-me o meu pai há alguns meses atrás. Eterno sonhador!...

Reparei numa banca de jornais da revista “Visão” com uma imagem sugestiva na capa, que logo reconheci ser da ilha do Mussulo e um título em letras enormes “A Nova Angola” e não resisti, comprei-a!... No seu interior referiam que Angola está numa euforia económica. É a terra de todas as oportunidades. Uma imagem reteve a minha atenção e fez-me reviver momentos maravilhosos que vivi no Mussulo (uma ilha próximo a Luanda). Era uma família fazendo o seu piquenique debaixo de uma palmeira; três brancos, dois mestiços comiam e bebiam do bom e do melhor!... Nas proximidades, três meninos negros observavam esperando provavelmente por quaisquer restos...! É uma cena confrangedora garanto-vos...Tentar fazer um piquenique com uma “plateia” de crianças famintas em redor. Eu vivi uma situação destas e a comida não “desce”...É assim em Angola, onde milhares de crianças abandonadas, ou orfãs, pedem esmolas nas ruas ou migalhas de repastos, é o lado oculto da realidade angolana, ai ué...

Mas as previsões para Angola são de

um futuro grandioso (...)

Na terra dos oportunismos finalmente a economia está a crescer...Luanda tem melhorado, está mais limpa, mais iluminada, mais organizada. E no Huambo?...e na Gabela?...

Sócrates esteve em Angola, cruzou a estrada de Catete, em cujos musseques alastra a cólera e foi a Viana. Mas não foi ao cerne da situação. Não questionou a miséria popular...as injustiças sociais. Foi só mimos e cortesias...

Há um fluxo de estrangeiros para Angola. E não são só portugueses, mas também chineses, brasileiros, espanhóis e nórdicos. Os hotéis estão lotados.

Porém dois terços da população (estimada em 11 milhões), continua a viver abaixo do limiar de pobreza...ai ué!...

Alguém comenta: “Este é um país extraordinário, que a filha do presidente tem 25% de um banco e ninguém questiona de onde vem o dinheiro...” O exemplo parte de cima.

“O país de todas as oportunidades está a ganhar uma segunda vida...” Salvé Aleluia!...Já era tempo!...

Mas não dá para esquecer o tal “lado

oculto do milagre angolano”...Ai uè.

Desejo ardentemente que acabe a cólera em Angola...que acabe a fome em Angola...que acabe a corrupção em Angola...!

Que a minha terra natal possa florescer, e ser um país grandioso.

Angola tem tudo para ser o país mais rico do mundo. Eu acredito no futuro da minha terra. Estou torcendo para que todos angolanos tenham finalmente acesso à qualidade de vida que todos ambicionam e merecem. Chega de sofrimento!...Ai ué!...

Até breve
SÃO MARQUES



CONSTRUÇÃO DE CASAS

aos amigos

Georgina Magalhães Mota



silva carvalho

Como cunhado e muito grande amigo, participo o seu falecimento, ocorrido em 26 de Abril de 2006, em S. Paulo, Brasil, onde vivia há mais de trinta anos.

A "Gininha" como era por todos

tratada, nasceu na Fazenda Victória, Hengo, Condé/Ebo. Viveu na Gabela (Amboim), onde estudou e se casou com Luís da Silva Mota, mudando-se depois para Luanda, onde nasceram as suas duas filhas Fatinha e Paula.

Em 1967, fixaram residência no Brasil.

Deixou-nos, vítima de doença prolongada, contra a qual lutou corajosamente neste últimos dois anos, apoiada pelo marido, filhas, genro e netos.

Amiga e irmã carinhosa, esposa dedicada, mãe, avó e bisavó extremosa, a sua partida deixa um saudoso vazio em todos que com ela conviveram.

Fica a minha homenagem e de toda a sua família.

Silva Carvalho.



a minha pátria é a língua portuguesa



mário frota

A preservação da língua pátria é um imperativo nacional.

A cosmopolita Lisboa oferece-nos quadros bizarros.

Em uma qualquer reunião (em que tomem assento nacionais que têm as placas dos aeroportos como logradouro das suas habitações e o interior das aeronaves como salas de estar entre aeroportos ou quartos de hotéis) é perturbante ouvi-los: e os *anglicismos* com terminações em *ing* com

equivalentes na língua portuguesa fluem como se do idioma pátrio se falasse.

Há dias, na televisão, um dos ministros repetia à 'saciedade', como se a generalidade o acompanhasse: "*back office*", "*back office*", "*back office*"...

A língua de Camões, veículo instrumental de comunicação entre uma comunidade que em muito ultrapassa os 10 milhões a que Portugal se resume *intra muros*, é confinada, estreitada pelos *media* em estereótipos que constituem desvantagem manifesta, em idioma rico de vocábulos.

A lei que obriga a que a rotulagem dos produtos e os prospectos e livros de instruções se redijam em língua portuguesa sempre que se introduzam no mercado em Portugal ou é deliberadamente afrontada ou só de modo formal observada, já que as traduções são "*macarrónicas*".

Mesmo nas profissões em que a língua constitua um valor acrescido, como nas forenses, o português perde terreno, porque as exigências são cada vez menores.

Há um ror de anos, recordo-me de um belíssimo texto de Rui Barbosa, um saudado jurisconsulto e homem público brasileiro, que ante as arremetidas de filólogos que pretendiam contra corrente e a própria realidade lançar a pedra fundamental da edificação de um novo idioma o brasileiro se insurgia vigorosa e valorosamente, saindo a terreiro em defesa da língua portuguesa.

Os juristas brasileiros, ao que se nos afigura, eram os mais genuínos defensores do **português** pela sua formação latinista e o seu apego pleno de orgulho à língua-mãe.

Hoje regista-se já um abastardamento nas formas de expressão das novas castas de juristas do País-Continente

que é o Brasil e que constitui o laboratório mais impressionante da edificação do português. Mas que se opera uma acentuada degradação, parece não haver dúvidas.

Ler, por exemplo, uma Ada Pellegrini Grinover ou um Miguel Real ou um Luciano Amaro, entre outros, e ler um bom texto de português escrito pelos melhores em Portugal, não oferece eventuais diferenças.

Mas assiste-se a um menor grau de exigência nas universidades que grassam como cogumelos numa e noutra das ribas do Atlântico.

Outro tanto se regista em Portugal.

Mas para haver uma perspectiva global há que nos reconduzirmos ao estudo do português no Brasil para, quantas vezes, redescobriremos expressões que entre nós caíram em desuso.

De análogo modo, Angola fora noutro tempo um território que falava orgulhosamente bem o português.

E o perdurarem determinadas expressões que são do nosso melhor léxico surge a certos ouvidos como manifestação exterior de um cerco pretensiosismo quando, na realidade, o não é.

Recordamo-nos de Antunes Varela, na argumentação deduzida no decurso da discussão da dissertação de doutoramento de Mota Pinto, em que zurzia no promissor civilista por expressões ao estilo de *destarte*, empregues na sua Cessão da Posição Contratual. Expressão com foros, aliás, na língua pátria. Anos depois, as vicissitudes levariam o renomado civilista a exilar-se na Baía, na pátria do seu íntimo Orlando Gomes.

E como se enriqueceu a prosa de Varela. A quem os *“destartes”* e *“dessartes”* passaram a povoar os seus textos numa mundividência que lhe faltaria outrora.

O português tem de ser elevado no altar da Pátria.

Que se exija na escola. Mas sobretudo fora dela.

Que as televisões reforcem a vigilância neste particular.

Que admitam conselheiros-filólogos



para acompanhar os textos e emendar os desvios de mão.

A França tem, desde 1994, um normativo a Lei Toubon que manda que a língua francesa seja usada, em território nacional, nas relações laborais.

As multinacionais americanas impunham, nas relações no interior das empresas operando no Hexágono, o anglo-americano.

Um tribunal francês, apreciando há dias concreta espécie de facto sobre o ponto, condenou uma multinacional americana a abandonar tal prática, reconduzindo-se ao francês nas instruções emanadas aos quadros ou

aos trabalhadores, quaisquer que sejam.

Um excelente exemplo, uma pertinente medida de saudar.

Que os nossos diletantes “cientistas” e os singulares “dirigentes políticos” se reconduzam ao português - eis um singelo voto de concretização algo complexa. Não tão simples quanto isso.

Mário FROTA
Presidente da APDC - Associação Portuguesa de Direito do Consumo

vanda carvalho - biografia

Those are pearls were his eyes



vanda carvalho

Nascida em Angola, Vanda Carvalho estabeleceu-se como criadora de objectos de arte/joalharia em Crested Butte, no Colorado, onde viveu durante 10 anos. Aí colaborando com diversos artistas do ramo, adquiriu os conhecimentos de gemas e as técnicas que lhe permitiram abrir o seu próprio atelier de trabalho e lhe ganharam uma clientela assídua. O seu trabalho culmina com exposições em boutiques, feiras e galerias. Posteriormente mudou-se para o Estado de Nova Iorque, no concelho de Westchester onde passa a residir, e reabre o seu atelier. Mais uma vez as suas colecções tornam-se uma referência tanto no comércio local, como entre compradores privados. As criações que entretanto abrangem, colares, pulseiras, brincos e os chamados suncatchers (reflectores de raios de sol em cristal Swarovski) são novamente expostos na loja do museu do Caramoor Center of Arts and Music, em Westchester Nova Iorque. A sua última colecção está agora em Lisboa na galeria de arte Insensatez, no local histórico perto do Castelo de S. Jorge.

Dois factores importantes se destacam no trabalho de Vanda Carvalho. Por um lado, as suas peças exibem um cuidado minucioso na técnica de execução o qual se manifesta no acabamento único de cada artigo a nível de aplicação e

junção dos diversos materiais. Uma minúcia que dá origem a um trabalho de qualidade. Outro factor determinante na exclusividade do seu trabalho é para além do tratamento, a escolha dos materiais. Aqui revela-se a fascinação que a artista exhibe pelas diversas pedras semipreciosas que enquadra em artigos de prata e ou cabedal como as turquesas, turmalinas, granadas, jade, quartzo, agatas, aventurininas entre outras. Para além do mais, cabe mencionar o emprego de outros materiais: as

missangas, contas de prata e vidro assoprado, contas finas como de Murano e as Chinesas delicadamente pintadas à mão, bem como o uso extensivo de cristais acima de tudo de Swarovski. Todo o seu trabalho culmina numa união de cores que a artista afirma remeterem aos três continentes que marcam a sua experiência: África com as suas sensações e cores pungentes, a vastidão do Colorado americano e a fulminância do Outono Nova Iorque, e Portugal na velha Europa com o seu imenso mar de reflexos caleidoscópicos.



o meu reconhecimento...



silva carvalho

Não foi fácil conformar-me com a notícia da perda do meu amigo Elias da Naia Sardo. O Elias, na tropa; Naia para os amigos; e Naia Sardo para os conhecidos. Foi um amigo que me conheceu na infância em Benguela e com quem me relacionei, posteriormente, como funcionário seu substituto, quando chefiava a Repartição de Finanças da Gabela, com quem trabalhei durante cinco anos, sempre num ambiente de bom entendimento, muita consideração e grande confiança, como se exigia em profissionais do mesmo ofício, em que a competência era o que mais exigia, sempre num trato de mútua cordialidade e confiança, muito para além da disciplina de que era um exemplar seguidor. Sabia distinguir as competências do chefe e seus colaboradores e acima de tudo reconhecer o mérito dos mais dedicados e esforçados, compensando-os com o seu reconhecimento de chefe. Não era difícil receber o elogio do secretário de Finanças Naia Sardo ou outras formas de reconhecimento informações de serviço e/ou louvores, que tanto influenciaram o meu acesso na carreira, para além dos concursos na subida de categoria ... Nesse sentido fui sempre distinguido, pelo meu chefe, para quem era um exemplo, que não se cansava de elogiar, reconhecer, realçando sempre a competência do seu adjunto um colaborador que, como dizia “nunca foi preciso exigir o cumprimento das suas obrigações”.

Lembro-me da única vez que, no



princípio, tivemos uma discordância de opinião de serviço, que não teve consequências. Sempre comedido, o conselho que recebi foi que “fosse para casa”, me aconselhasse com o “travesseiro”, que no dia seguinte conversaríamos”... Nunca mais “falámos” e eu compreendi que era o “chefe” que mandava, porque tinha a responsabilidade dos actos e práticas da Repartição que sempre assumiu com muita dignidade.

Foi um exemplo que segui e que serviu como norma de conduta, regulando toda a minha vivência em relação às minhas atitudes e relacionamento familiares, profissionais e sociais assumindo sempre a responsabilidade dos actos praticados, para o bem e para o mal que, procurei transmitir aos que comigo compartilharam em actividade profissionais colegas e/ou alunos, chegando a uma máxima que, muito dos meus alunos ainda se devem lembrar o máximo de liberdade com o máximo de responsabilidade -. Lembram-se ! Era o nosso guião ! Já lá vai tanto tempo e demo-nos sempre todos muito bem ...

Foi a experiência que tirei do meu relacionamento com o meu saudoso amigo Elias da Naia Sardo, a quem presto a minha homenagem

retribuindo, a consideração e amizade sincera que compartilhámos, sempre com o maior respeito que, mutuamente, fizemos questão de manter.

Apesar do seu ar austero, o meu amigo Elias da Naia Sardo, era humano intransigível nas suas ideias. Um funcionário brilhante e competente. Dos melhores das Finanças, em Angola, chegando ao máximo da sua carreira como Director de Finanças. Um apaixonado por Angola, para onde foi, de



Aveiro, nos anos quarenta, integrando o Batalhão Expedicionário o "74", como furriel, localizado parte no Roçadas. Desmobilizado concorreu às Finanças como aspirante, correu grande parte das Repartições no Bié, Moxico, Benguela, Cunene Cuanza Norte e Cuanza-Sul e, tantas outras como aspirante, fiscal de impostos e secretário de Finanças, acabando em Luanda, na 3ª. Repartição, onde pontificou como o melhor chefe de Repartição, última que chefiou sendo, entretanto, promovido a Director de Finanças, mantendo-se em Luanda, na Mutamba, na Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, onde se

manteve durante largos anos, sempre na esperança de ser contratado como funcionário cooperante, como tantos outros. Não conseguiu ... Teve o bom senso de se ter inscrito no Quadro-Geral de Adidos, o que permitiu, após o regresso, conseguir a aposentação, embora reduzida e não equiparada à categoria que atingiu de Director de Finanças ...

A paixão deste Homem (com "H" grande), por Angola, onde casou em Novo Redondo, é inegável e era patente em todas as suas conversas, nas "tertúlias" no Rossio, onde se juntam os

"retornados" (regressados), em frente ao "Piquenique" agora no café Nicola, onde nos juntávamos para uma conversa informal. Fica, contudo, por desvendar a razão da sua permanência, em Angola, após a independência, mesmo com o prejuízo dos seus interesses ...

Falámos muitas vezes, nunca me disse ...
Fica a minha homenagem ...



ALIANÇA



As Caves Aliança foram fundadas há mais de 75 anos, em 1927, por 11 associados liderados por Domingos Silva e Angelo Neves, em Sangalhos, na região Demarcada da Bairrada.

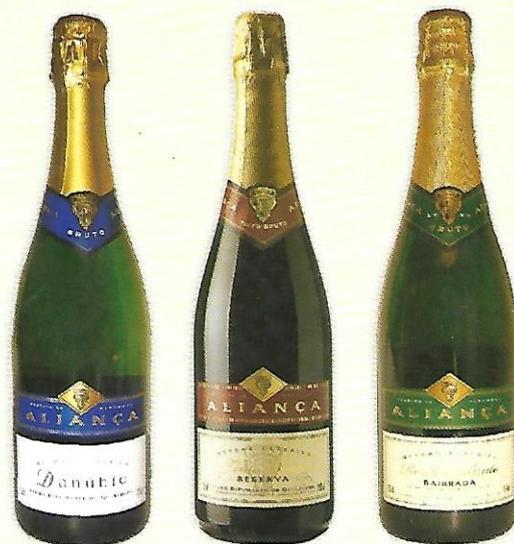
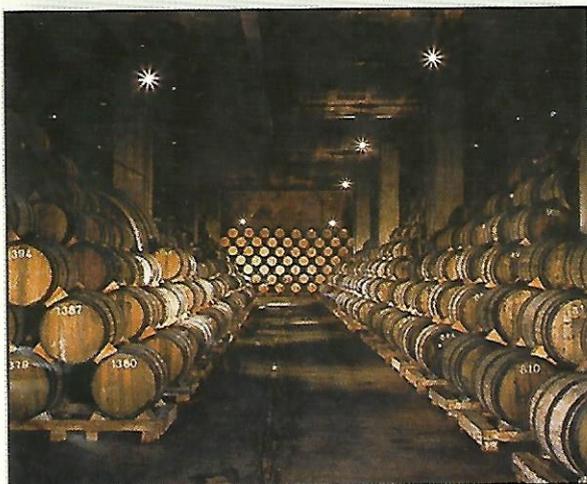
Desde logo a empresa começou a exportar para o Brasil, África e Europa, sendo hoje, quer em Portugal quer nos cerca de 60 países para onde exporta 50% da sua produção, sinónimo de vinhos, espumantes e aguardentes de qualidade.

As Caves Aliança cresceram e modernizaram-se, organizando-se numa estrutura de Grupo. A forte aposta na qualidade levou a empresa a adquirir Quintas nas principais regiões como o Alentejo, Dão, Douro, Bairrada e as Beiras, explorando cerca de 500 ha de vinhas.

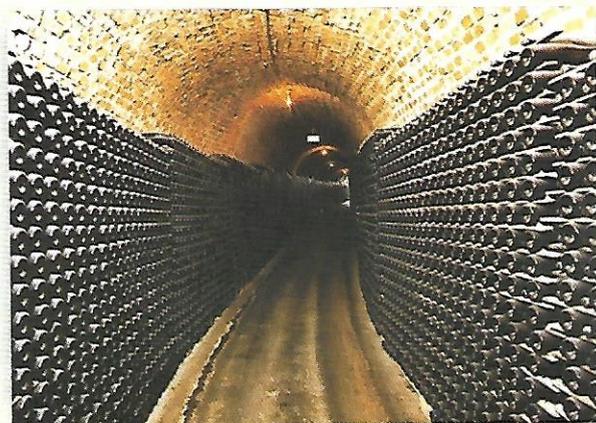
Nestas explorações foi encetado um profundo trabalho de reconversão e plantação de vinhas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pela equipa técnica de Caves Aliança, em parceria com dois "world Class WineMakers" Michel Rolland e Pascal Chatonnet.

O investimento feito nas áreas da produção estende-se também ao nível da vinificação, com instalação de modernas adegas e constituição de um parque de barricas de carvalho de elevada qualidade, para estágio dos vinhos. Esta estratégia está já a dar os seus frutos, como poderemos constatar pelos inúmeros prémios obtidos recentemente, quer no país, quer no estrangeiro.

Nas nossas destilarias privadas, utilizando os alambiques "charantais", após rigorosa selecção dos vinhos a destilar, sai a mais completa colecção de aguardentes velhas produzidas por qualquer empresa em Portugal. Envelhecidas durante vários anos em barricas de carvalho de 225 e 300 litros preparadas nas nossas próprias tanoarias de acordo com as mais ancestrais tradições, estas nossas prestigiadas aguardentes velhas têm colocado as Caves Aliança na liderança do mercado português.



Há mais de 70 anos que as Caves Aliança produzem espumante, seguindo a tradição rigorosa do Método Champanhês ou Clássico. Com uvas rigorosamente seleccionadas para o efeito, a partir das castas locais brancas Bical, Sercial, Arinto e Chardonnay e da casta tinta Baga, vinificadas na própria adega de Sangalhos, estagiam permanentemente nas profundezas das caves subterrâneas mais de 2 milhões de garrafas, antes de serem introduzidas no mercado.



QUINTAS ALIANÇA



QUINTA DOS QUATRO VENTOS



Região: Douro Superior - Vila Nova de Foz Côa

Com uma área total de cerca de 150 hectares esta quinta centenária está situada no Douro Superior, nos limites das freguesias de Seixas e Numão, no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Dispõe de um total de 45 hectares de vinha em patamares e vinha ao alto de plantação recente com as castas tradicionais da região: Touriga Nacional, Tinta Roriz, Tinta Barroca, Touriga Franca e Tinta Amarela.

Possui adega, que para além dos tradicionais lagares de granito, está também dotada de depósitos inox de pequena dimensão para a vinificação em separado das diferentes castas existentes. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o Quinta dos Quatro Ventos Reserva. São também provenientes desta propriedade o Quinta dos Quatro Ventos e o Foral.

Região: Dão - Vila Nova de Tazém

A Quinta da Garrida está situada em Vila Nova de Tazém, no concelho de Gouveia, na região demarcada do Dão. Com uma área total de 112 hectares, tem 80 hectares de vinhas com 15 anos e os restantes com novas plantações efectuadas com o recurso às mais modernas técnicas. A vinha é constituída pelas principais castas desta região, como a Touriga Nacional, Tinta Roriz, Jaen e Alfrocheiro Preto. Os solos são graníticos, ligeiros e pobres, típicos da região, que permitem a obtenção de vinhos com características muito próprias.

A nossa Adega situa-se em Gouveia e está dotada dos mais adequados equipamentos para a produção de vinhos de alta qualidade, possibilitando a vinificação em separado das castas existentes. Os vinhos provenientes desta propriedade, são vendidos com as marcas Quinta da Garrida Touriga Nacional e Quinta da Garrida.

QUINTA DA GARRIDA



QUINTA DAS BACELADAS



Região: Bairrada

A Quinta das Baceladas situa-se em pleno coração da Bairrada, na zona de Cantanhede. Foi nesta quinta com cerca de 5 ha que iniciamos o nosso desenvolvimento vitícola na região, plantando em 1991 a tradicional casta da região, a Baga, mas também as inovadoras Merlot e Cabernet Sauvignon.

As Caves Aliança possuem também outras pequenas vinhas plantadas em 2002 destinadas a dar continuidade ao seu projecto vitivinícola, privilegiando as castas Tinta Roriz e Merlot. Os vinhos provenientes desta propriedade, são o Quinta das Baceladas, Angelus e Aliança Galeria.

Região: Beiras - Figueira de Castelo Rodrigo

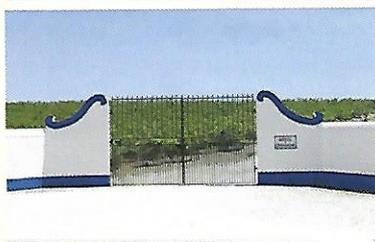
Situa-se no sopé da Aldeia histórica de Castelo Rodrigo e tem uma área total de 350 ha. Os seus solos apresentam uma estrutura franco-arenosa de base granítica e encontram-se também quartzitos e solos xistosos. Com um relevo pouco acentuado está situada, em média, a 550 m de altitude, sofrendo além da influência mediterrânea, uma influência claramente continental com acentuado arrefecimento nocturno. A precipitação média é de 550mm/ano, concentrada entre Outubro a Maio. A vinha plantada de novo, a partir de 1999, ocupa uma área superior a 90 ha, em que 27 ha são regados. A densidade de plantação varia de 3.086 a 3.738 pl/ha, sendo a condução da vinha em cordão bilateral. O encepamento é constituído por 57% de Tinta Roriz, 15% de Touriga Nacional, 12% de Syrah, 10% de Cabernet Sauvignon e 6% de Alicante Bouschet. São provenientes desta propriedade o Casa D'Aguiar e o D'Aguiar.



QUINTA D'AGUIAR



QUINTA DA TERRUGEM



Região: Alentejo - Borba

Situada no Alentejo, na freguesia da Terrugem, no concelho de Elvas, em plena região demarcada de Borba, é hoje um ex-libris dos vinhos alentejanos. Adquirida em 1991, possuía inicialmente 14 hectares de vinha e tem hoje cerca de 60 ha. plantados com as castas Aragonês, Tinta Roriz, Trincadeira, Periquita, Syrah, Cabernet Sauvignon e Alicante Bouschet.

A adega da Quinta da Terrugem está implantada num edifício de traça regional alentejana encastrado numa pequena elevação de terreno na propriedade, que permite o trabalho das uvas através do declive natural. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o T Quinta da Terrugem, considerado como um dos melhores vinhos do Alentejo, o Quinta da Terrugem e o Alabastro.

está na hora



acácio oliveira

Está na Hora! Actualmente, o mundo muda com tanta rapidez, que ao crescermos, não só deixamos para trás a juventude como também o mundo em que fomos jovens. Os temores e os ressentimentos que nos suscita o que é novo pressupõem, na verdade, uma nostalgia, por causa das recordações da nossa infância.

Precisamos de apreciar plenamente o *que tivemos no passado*; e para nos sentirmos completamente enriquecidos com ele, temos que saber deixá-lo para trás e passar a desfrutar de **algo melhor**, sem o saudosismo do passado e o modo ou incapacidade de agarrar o futuro, necessitamos de saber que qualquer objectivo só pode ser alcançado em equipa, com esforços conjugados, com interesses que se cruzem, tanto a nível das pessoas, empresas, quaisquer organismos ou Entidades Públicas, que possam colaborar e emparceirar.

É tempo de ter brio, do que já se fez e pode voltar a fazer-se, desde que se evite a corrosão dos grupinhos, as tentações de protagonismo e a desconfiança entre parceiros.

A nossa sociedade precisa de marcar pontos, os jovens que iniciam o seu caminho para a idade adulta em tempos economicamente complicados e estão a despontar no seu profissionalismo, buscam oportunidades para ir mais longe, e por isso, não pode PORTUGAL anular-lhe os seus planos de vida e sucesso.

Está na Hora de reunir esforços para voltar a solidificar as estruturas profissionais, não basta acreditar nas promessas de mudança dos nossos governantes, mas sim construir essa mudança com o trabalho sério de todos os portugueses.

Assim, podemos dizer como alguém

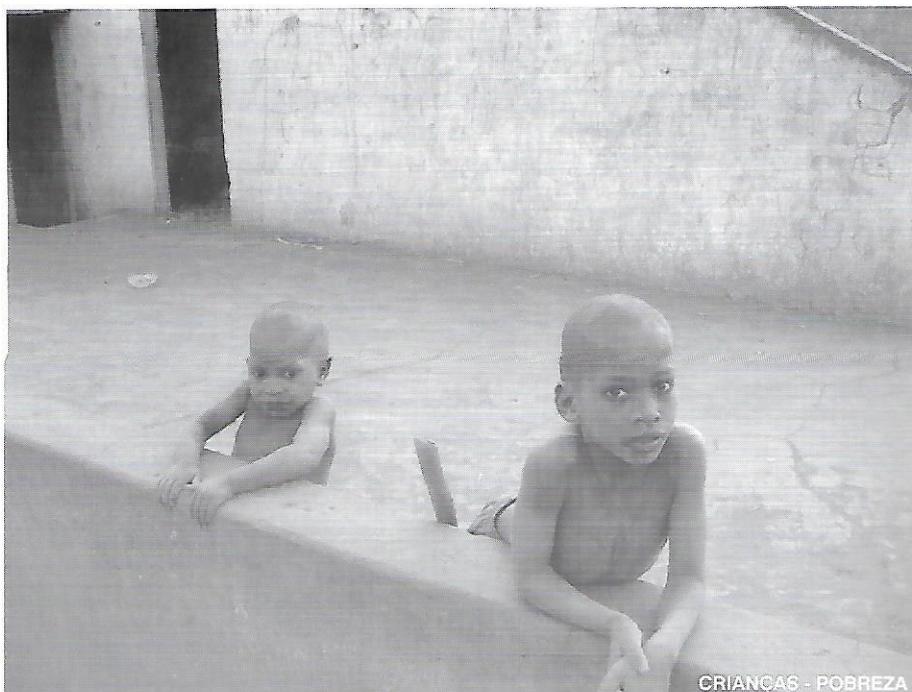
afirmou há mais de 2000 anos atrás:

“A ordem e a desordem dependem da organização; a coragem e a cobardia, das circunstâncias; a força e a fraqueza, das disposições.”

Encarreguemos, pois, cada um das respectivas tarefas, deixando-os encontrar o melhor método para as executar. Fá-lo ganhar vantagem sem

lhe apontar perigos. Em tais situações arrancam-se vitórias das garras da ineficiência e todos ganham.

Fico na expectativa que o **GOVERNO de PORTUGAL** saiba entender os desejos, ambições e aspirações de todos aqueles que há muitos anos, lutam para que a cultura do nosso povo não seja somente FUTEBOL, FÁTIMA e FADO.



até onde deve ir a liberdade?

luís de souza

A questão está a dividir as civilizações: há situações que justificam que se ponha travões à liberdade? As civilizações orientais, designadamente a muçulmana, pensam que sim, quando estão directamente em causa valores fundamentais de terceiros e não só. Parte das civilizações ocidentais está contra. Ao dever de respeitar os valores fundamentais de terceiros, contrapõe o direito de as pessoas serem felizes, o que passa por darem largas ao direito idealizado de cada um fazer tudo quanto bem quer e lhe apetece sem restrições de qualquer ordem.

Em sintonia com a questão assim posta, vi, na televisão, há dias, o programa, “O Eixo do Mal”, caracterizado pelo facto de todos falarem ao mesmo tempo. Pareceu-me, então, ouvir uma certa e determinada Senhora dizer, mais ou menos, o seguinte, e a propósito das caricaturas de Maomé: “Tenho o direito de ofender quem eu bem quiser e me apetece!”.

Apeteceu-me responder-lhe: Não tem, não! Não tem o direito de ofender quem bem quiser e lhe apetece. O que tem é o dever de não ofender ninguém, para que, então, sim, tenha o direito de exigir que ninguém a ofenda, que ninguém ofenda a si.

E, ainda a propósito do mesmo tema, em debate na Assembleia da República, o líder da bancada do CDS/PP, Telmo Correia, disse ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, Professor Doutor Freitas do Amaral: “O Senhor não me dá lições de boa educação!” A resposta repentista não se fez esperar: “Não dou, não! Mas que precisa delas precisa!”

Em contexto diferente, se bem que com alguma similitude, disse-se, na RTP1 e no programa “4xCiência”, que o

Professor Emídio Guerreiro terá afirmado, um dia, que a matemática é a liberdade tendo por limite a razão, facto este que suscitou, ali, alguma divergência de pontos de vista.

Talvez seja de admitir, com o devido respeito por entendimento contrário, que o Professor terá querido dizer que a matemática é a liberdade de pensar tendo por limite a razão, no entendimento de que a razão não será mais nem menos do que o pensamento legítimo, correcto, válido e verdadeiro, posto no seu nível mais elevado.

Se assim for, então, a matemática, sendo inquestionavelmente pensamento e linguagem numérica voltada para o conhecimento, compagnar-se-á, não, por certo, no pensamento espontâneo, desordenado, caótico, desbragado este, seguramente, liberdade sem

limites mas sim, no pensamento reflexivo, ordenado, sistematizado, e auto-espartilhado pelo princípio de identidade expresso na enunciação de que o que é, é, e nas suas duas vertentes: princípio de não contradição: o que é não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto; princípio do terceiro excluído: o que é, ou é ou não é.

Deste ponto de vista, e ao que nos parece, então sim, talvez se possa dizer com indiscutível propriedade que a matemática é a liberdade tendo por limite a razão sem se conceder que a liberdade, fora do pensamento, seja ou possa vir a ser liberdade sem limites: A liberdade fora do pensamento, quer se queira quer não, esbarrará sempre na liberdade do outro, é limitada. Liberdade, sim! Sem limites, não!



BENTIABA

a razão e o tempo



simão almeida

Lembro-me como se fosse hoje. Naquela tarde de Setembro, corria o ano de 1975. Eram 15H25 do dia 31. O sol escondia-se alegremente por entre as nuvens, quando o avião da TWA levantou vôo do aeroporto de Nova Lisboa (Huambo), em direcção a um destino tão certo quanto as incertezas da vida.

Para trás ficavam horizontes imensos de sonhos desfeitos, florestas indetermináveis de verde sereno alimentando a vida e a alma de tantos milhares de seres, que, acreditando no futuro, viviam o presente ao ritmo tranquilo e quente da intemporal paisagem africana.

Lembro-me também que alguém me disse dentro do avião: 'olha lá para baixo e fixa bem esta imagem! Não te esqueças, porque é, provavelmente, a última vez na vida que a verás'.

Na verdade assim o foi.

Ainda hoje, volvidos 30 anos, ela me não sai da retina:

As 'picadas' ondulantes de terra vermelha, as plantações de café alinhado em filas intermináveis lembrando canteiros gigantes de flores, as clareiras na floresta povoadas por 'sanzalas' de casotas repetidas, iguais quais figuras geométricas, entrecortadas por mamoeiros e bananeiras acenado ao vento.

Quantas expectativas se frustraram! Quanto do futuro ficaria para sempre e hipotecado! Como foi dura e triste a despedida. Para trás ficavam, e irremediavelmente perdidos, pedaços de história e vida.

Era o desfecho mais



que previsível de longos e inefáveis meses de terror, angústia desânimo, fome e ameaças de morte.

Chegados a Portugal com a alma em pedaços de ver partir o pôr do sol, os pássaros de exótica beleza, as palmeiras ondulantes, os coqueiros e a molembas, os cachos de bananas pendurados à beira dos caminhos emoldurando o dia a dia, lá foram reacendendo lentamente a esperança quase perdida, num ímpeto de raiva e vontade endómita de vencer.

A sensação de estar a salvo das investidas do ódio comprado da revolta encomendada pela fria ambição dos senhores da guerra (esses que, também eles, à boleia do tempo rumaram a Lisboa, quem sabe à espera que se apagasse o fogo que eles próprios atearam), ia-lhes acalentando o espírito e alimentando a alma.

Quem diria, que após deambularem perdidos e agarrados ao seu destino, ainda tivessem forças para se porem novamente de pé, como que em unísono, todos aqueles, outrora tristes e desamparados, com uma mão cheia de nada, arrastando-se penosamente pelas esquinas do 'Rossio' em busca de notícias do outro lado do mundo a que teimosamente chamavam seu.

Como foi possível que ainda lhes restasse a força da alma que só os vencedores possuem, para rumarem a

pouco e pouco a novos mares desbravando novos caminhos, reergendo-se teimosamente construindo ideias, transpondo barreiras e saltando montanhas em direcção ao futuro.

Esses, que suportaram em silêncio pelos combóios da 'linha', nas paragens de autocarros, nas ruas e avenidas, no emprego, no café e no supermercado o desprezo e os impropérios de quem nada sabia daquilo que dizia.

Eis senão quando, volvidas que são três décadas alguém se lembra de apresentar como tese de doutoramento, uns estudo sobre a integração dos 'Retornados' e ao mesmo tempo





explicando a razão do seu sucesso.

O resultado não podia ser mais claro e evidente:

Foi por transportarem consigo outros saberes e outros horizontes, experiências mais do que comprovadas pela escola da vida, competência cujos certificados ou diplomas se perderam, mas que gravada ficou na memória cuja inteligência, viva e activa representa a simbiose perfeita de quem interaje em perfeita sintonia com a realidade vigente.

Afinal, quando em Portugal havia em 1975, cerca de 50% de analfabetos, os 'Retornados' ex-colónias tinham quase todos como formação mínima, o ensino básico.

Quando em Portugal só havia 20% de habitantes com o ensino secundário quase 70% dos 'Retornados' tinham esse nível de formação académica.

Nessa altura em Portugal o número de licenciados rondava os 5%, sendo que relativamente aos 'Retornados' essa taxa era de cerca de 20%.

Foi esta dinâmica de acção e do

conhecimento qual 'Processo Bolonha' antecipado que fez dos 'Retornados, a classe de Portugueses mais odiada dessa época.

'Eles' bem sabiam por que o faziam.

Hoje ainda se ouvem referências a esses mesmos 'Retornados' de outro

tempo, mas agora, no verdadeiro sentido do termo, ou seja, enaltecendo-lhes o mérito e as capacidades, como bem merecem.

O tempo, como razão última das coisas, encarregou-se de lhes restituir a honra e a dignidade 'temporariamente' perdidas, repondo a verdade, fazendo justiça.



Egipto Praia

equivocos políticos...



Jorge Domingues

A história é o que é e cada um de nós depende em termos de formação do ambiente familiar, das possibilidades económicas e do regime político em que cresce.

Eu cresci como muitos de nós crescemos num período que politicamente foi dominado por Salazar.

Nesse tempo, havia uma escola em cada aldeia, com um ensino universal e igual todos estudavam pelo mesmos livros.

Depois da escola primária ia-se para o liceu ou para a escola técnica que por sua vez davam acesso à universidade com várias faculdades cujos cursos eram internacionalmente reconhecidos, estudava-se Economia, Direito, Medicina, Arquitectura, Belas Artes, Engenharia, etc.. Havia ainda a aprendizagem obrigatória de duas línguas estrangeiras normalmente Inglês e Francês e ainda Latim, Grego, Alemão; os portugueses daquela geração eram cultos.

O que se diz hoje, é que o regime era Fascista e o povo ignorante.

No tal regime fascista, as escolas eram públicas e gratuitas, as universidades públicas em que se pagava uma propina económica, havia cantinas para os estudantes, os transportes eram públicos e baratos, os hospitais eram públicos com assistência médica de qualidade em que todos eram assistidos independentemente do subsistema de saúde, do credo ou da cor.

Houve a revolução dita socialista e pasme-se: os transportes são privados e

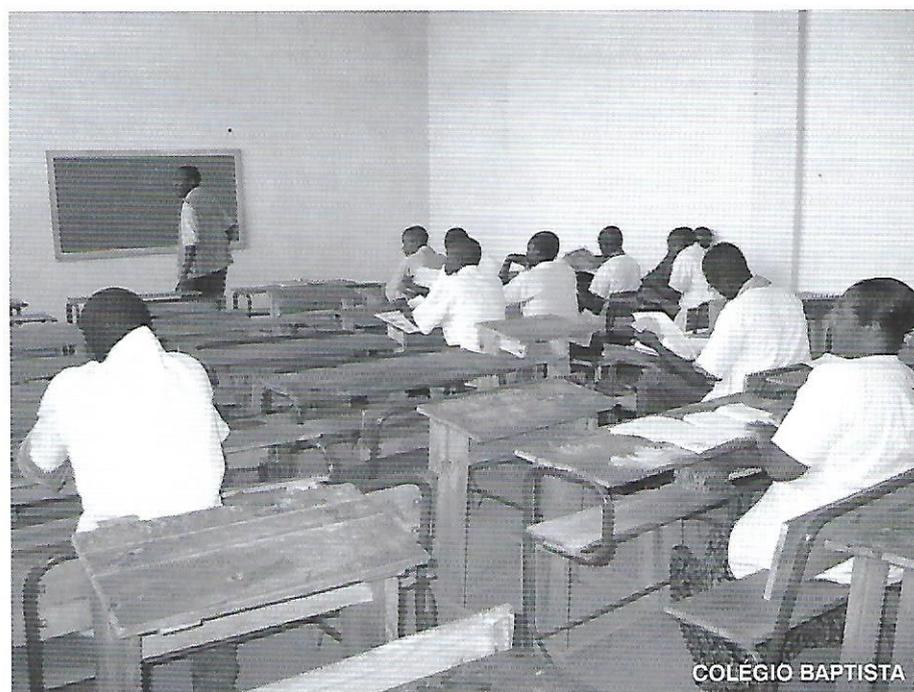
caros as faculdades privadas e só acessíveis a alguns; os notários privados; os hospitais privados.

Cada escola estuda por manuais diferentes que mudam todos os anos.

Os alunos dos cursos superiores têm cultura geral muito baixa e só falam português e mal.

O dito regime socialista privatiza e vende. As escolas quando são património do Estado são vendidas a particulares e muito património é alienado.

O Estado tão zeloso e eficiente a cobrar impostos desbarata património e penaliza quem trabalha. Cobra aos portugueses mas perdoa dívida de milhões de dólares a países estrangeiros. Empresta e dá sem qualquer satisfação aos contribuintes.



O ensino degrada-se e ministram-se cursos sem qualquer utilidade lançando os jovens licenciados para o desemprego.

A justiça não funciona. Veja-se o caso 'Casa Pia' de que já ninguém fala, o apito dourado, o caso Felgueiras, e compare-se com a justiça no tempo do dito fascismo em que os tribunais cíveis eram isentos e independentes.

As leis são votadas e revogadas no Parlamento por deputados que muitas vezes faltam ao plenário a ponto de não haver quorum.

Sugerimos nesta coluna em edição anterior que deveria haver só um e o mesmo número para os todos os cartões. Tentaram simplificar e inventaram um documento único para os diversos cartões e era tão simples - o mesmo número para todos os cartões referentes àquele indivíduo.

Implementaram o 'simplex' que é bem 'complicadex' e confundiram com 'rapidex'.

Para simplificar há que eliminar e não ser necessário o registo, a certidão, o atestado, o certificado, o parecer, o comprovativo, o memorando, o título, a cédula, o boletim e sei lá que mais.

Reparem nos horários das repartições é de rir para não chorar.

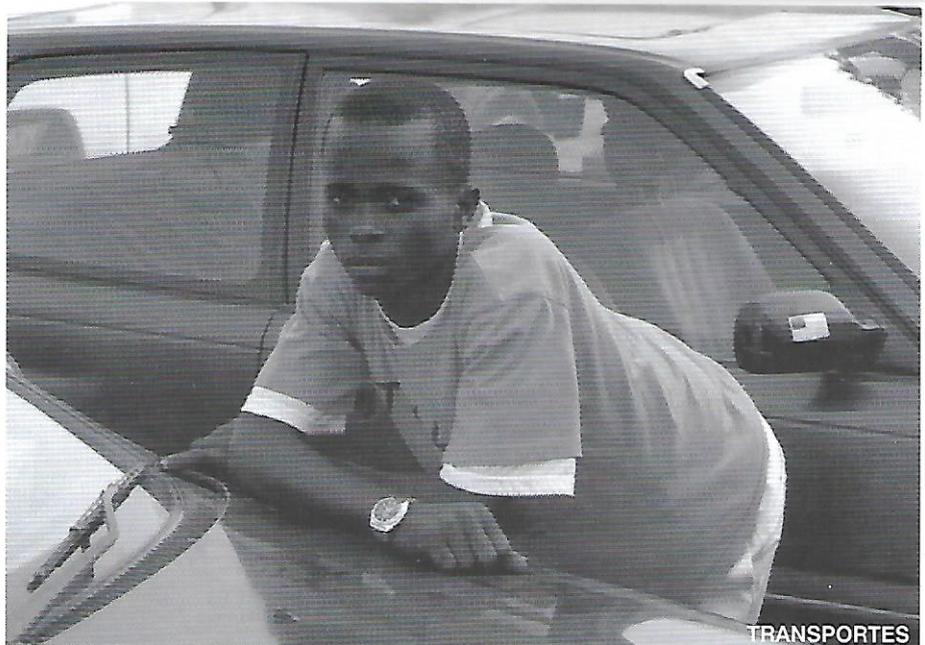
Vai a uma repartição só abre às 14H00 vai a outra fecha às 14H00, outra só abre de manhã, outra só a tarde, outra está fechada para almoço; e era tão simples todas as repartições com o mesmo horário notários bancas finanças e conservatórias, etc..

Por tudo isto e olhando para trás parece que no regime dito fascista havia em muitos aspectos mais justiça social. Veja-se como está hoje a indústria, a construção naval os têxteis, as pescas, a agricultura.

Portugal é hoje o país com a maior dívida externa, apesar da injeção maciça de dinheiro vindo da Comunidade Europeia.

Pergunta-se para onde vai o dinheiro?

A propósito do novo choque petrolífero



TRANSPORTES



CRIANÇAS CACUACO

CAFÉ ROÇA HUAMBA
BOA ENTRADA

recorda-se que Portugal tinha as maiores reservas de petróleo do mundo e estava em condições de ser o primeiro produtor mundial. Hoje dependemos exclusivamente do exterior. Os interesses de Portugal e dos portugueses não foram acautelados. A história julgara quem traiu e alienou porque a memória perdura. A economia é um descalabro as contas públicas derrapam e quem governa aumenta receita, aumentando os impostos o IVA quando deviam era pensar cortar nas despesas e no despesismo. O IVA sobe os combustíveis aumentam. Quem tem uma empresa é sufocado por impostos decretados por um Estado tirano. Um empresário para além do IRS e dos pagamentos por conta do IRS tem que pagar IRC, IVA, e por conta do IRC e especial por conta e mais por conta e mais especial por conta e para pagar espera, desespera e perde tempo no tal 'simplex'. 'Simplex' para o empresário é desistir, mandar os trabalhadores para o fundo de desemprego e aí sim é um descanso recebem o dinheiro em casa sem fazer nada e sem chatices BONITO.

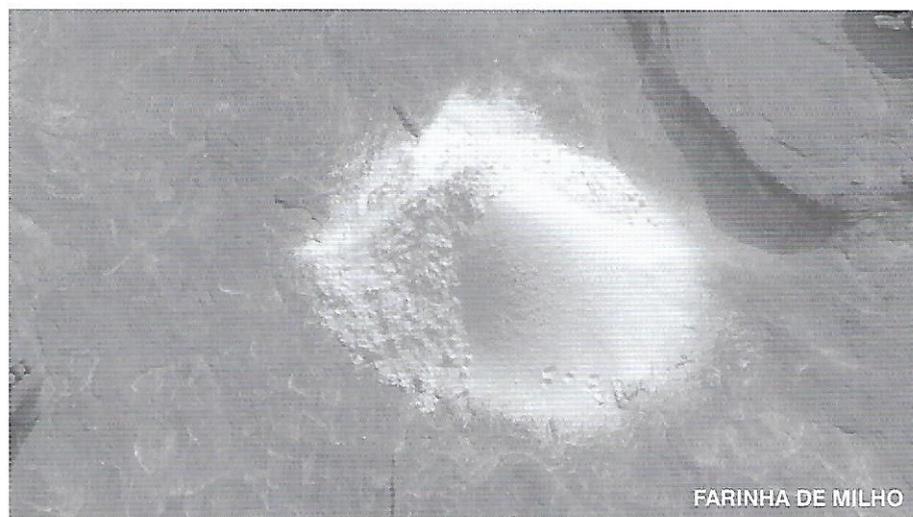
Assim ainda havemos de ouvir gritar por alguém que perceba de política sem equívocos e havemos de respeitar a memória de Salazar.

fotos angola

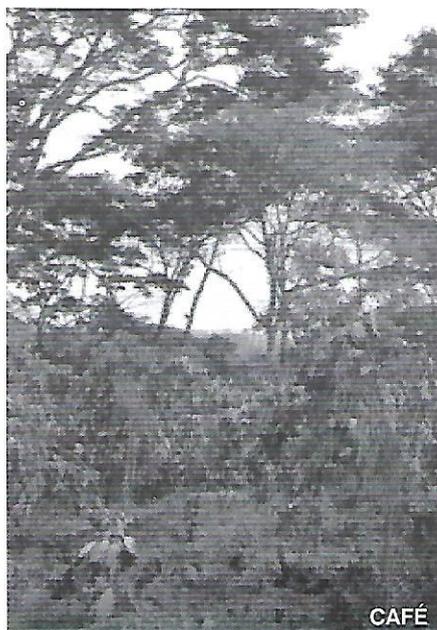
Riquezas...



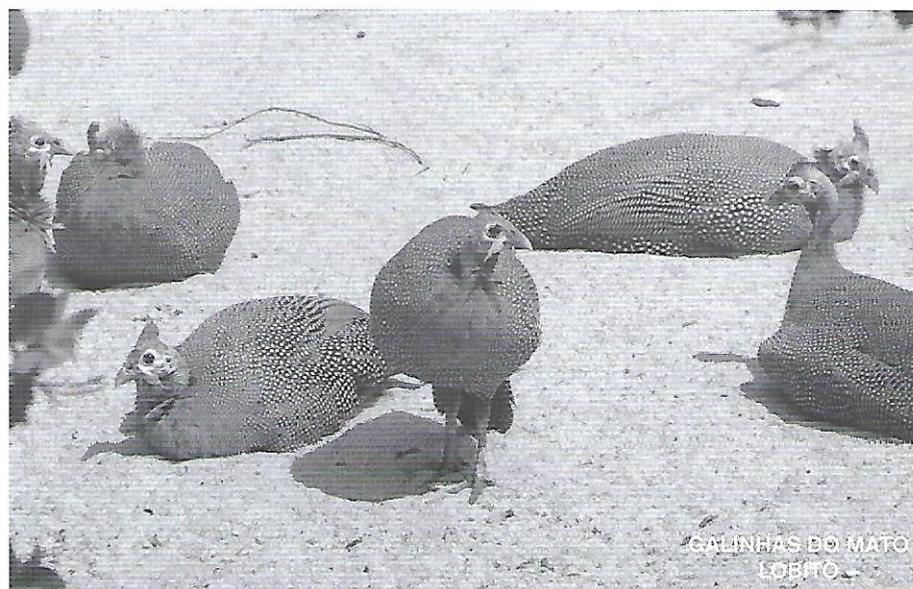
FAZENDA DE GADO



FARINHA DE MILHO



CAFÉ



GALINHAS DO MATO
LOBITO

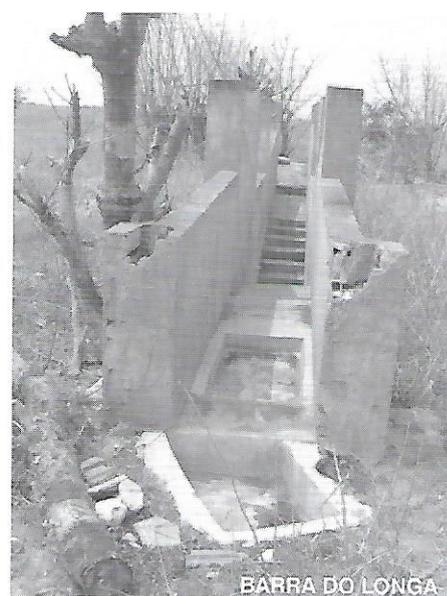
Destruição...



A.R.A.



CAPELA BOA ENTRADA



BARRA DO LONGA



CASA DOS CASTROS



CASA DOS CASTROS



PONTE DESTRUIDA
KEVE

CAMAPE, CONSTRUÇÕES, LDA. - IRMÃOS CASTRO



18 meses depois,
a realidade da "Citadela de Ílhavo"